



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
As Desventuras e Possibilidades do Método e do Materialismo Dialético na Interpretação da Realidade: contra o idealismo, o mecanicismo e o fetichismo do método			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Carlos Serrano Ferreira *	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	ULHT	Mestrando
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
O marxismo é uma concepção científica do mundo, sob constantes ataques e infiltrações de concepções burguesas. Este artigo busca apresentar as duas clássicas formas de infiltração das ideologias burguesas: o 'Marxismo Burocrático' ou 'Marxismo Soviético', uma espécie de materialismo vulgar; e, o 'Marxismo Ocidental', uma variante de idealismo dialético. Apresenta, também, uma terceira variante, mais atual e aparentemente crítica às anteriores, mas também reflexo de concepções burguesas, o 'Fetichismo do Método'. Fecha-se esta elaboração com a colocação do método em seu devido lugar: como momento subordinado da totalidade complexa marxista, determinado pelo materialismo dialético.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Materialismo dialético; Método; Revisionismo			
ABSTRACT			
The Marxism is a scientific conception of the world, under constant attacks and infiltration of bourgeois conceptions. This article seeks to present the two classical forms of infiltration of bourgeois ideologies: the 'Bureaucratic Marxism' or 'Soviet Marxism', a sort of vulgar materialism, and the 'Western Marxism', a variant of dialectical idealism. It also presents a third variant, most recent and apparently critics of the previous, but also a reflection of bourgeois conceptions, the 'Fetichism of Method'. It closes this development with the placement of method in their proper place as a subordinate moment of marxist's totality complex, determined by dialectical materialism.			
KEYWORDS			
Dialectical Materialism; Method; Revisionism			

Introdução

Poucas correntes de pensamento impactaram tanto a História como o marxismo. Sob a sua inspiração revolucionaram-se países e mudaram-se regimes políticos. Como resposta às pressões exercidas pelos movimentos sindicais e sociais, igualmente inspirados pelas teorizações de Karl Marx, Friedrich Engels e seus continuadores, muitas transformações legais se deram em torno à constituição de direitos trabalhistas, econômicos e sociais. Exatamente pela importância política e teórica que o marxismo teve e ainda tem, é necessária a sistematização do mesmo do ponto de vista científico.

* Mestrando em Ciência Política, na variante Cidadania e Governança, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa, Portugal), com especialização em Relações Internacionais pela Universidade Cândido Mendes (Rio de Janeiro, Brasil) e graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (Niterói, Brasil). Atualmente é responsável pelo setor de avaliação da Revista Direito à Memória e pesquisador da Cátedra e Rede Unesco/UNU em Economia Global e Desenvolvimento Sustentável (REGGEN), do Laboratório de Estudos sobre Hegemonia e Contra-Hegemonia (LEHC - UFRJ) e também da Unidade de Estudo e Investigação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (UEICTS - ULHT/ULP).

Neste trabalho, priorizar-se-á a questão do método marxista, pois é exatamente neste aspecto que ocorrem as maiores caricaturas dessa corrente político-científica, inclusive por vários intelectuais que se afirmam marxistas. Não por que se aceite a redução “a ortodoxia em matéria de marxismo refere-se [...] exclusivamente [...] ao método” (LUKÁCS, 1974, p.15), ou se afirme apenas que “a interpretação materialista da história tem, sobretudo, um valor metodológico” (PLEKHANOV, 1978, p.25). Procurar-se-á aqui debater o método marxista, mas não o fetichizando, colocando como momento subordinado da Teoria, do materialismo dialético e do materialismo histórico.

Enfocar-se-á o tema do método dentro dos marcos do debate do marxismo em sua totalidade. O método, por ser a aplicação prática, com vistas à atuação na realidade, ou melhor, com vistas à transformação da realidade, tem essa importância. Contudo, o destino do método é, por ser um momento subordinado da totalidade complexa do marxismo, sofrer os revezes e os avanços deste. No nosso caso, das ciências sociais, o debate sobre o método “é um dos problemas centrais (e mais polêmicos) da teoria social” (PAULO NETTO, 2011, p. 9). Não por acaso, “Durkheim se ateve à construção de um método para a sociologia e que Weber, além de se ocupar da conceptualização das categorias sociológicas, escreveu sobre metodologia” (PAULO NETTO, 2011, p.9).

Quer-se principalmente explicar porque o 'fetichismo do método' que vigora hoje é a negação do próprio marxismo. É apenas mais uma expressão, mais contemporânea, do velho revisionismo.

1 - Dificuldades no entendimento do método marxista

Caio Prado Júnior, um dos mais importantes marxistas brasileiros de todos os tempos, dedicou um livro à questão do método marxista, pois afirmava que “a grande e central contribuição de Marx para a Filosofia, e da qual direta ou indiretamente vai derivar o conjunto de sua obra teórica, foi certamente o seu método, o método dialético materialista” (PRADO JR., s.d., p.4). Não se concorda aqui com tal afirmação, pois o método é uma derivação da revolução marxiana do conhecimento, como se tratará mais à frente. No entanto, deixando por enquanto de lado esta questão, seguindo as análises dele, o mesmo apontava um problema na definição desse método, na sua rigorosa caracterização teórica

e não simples exemplificação, como é importante realçar em face da freqüente confusão no assunto, com a derivação dele, da consideração do método propriamente e sua teoria — que é do que se trata ou deveria tratar — para exemplos de aplicação do método numa ou noutra instância particular. (PRADO JR., s.d., p.4)

A dificuldade central é que a construção do método se deu, devido à profunda ligação de Marx e Engels com as lutas sociais de seu tempo, de forma crítica, polêmica. Sua preocupação não era em construir um novo método científico, pois, como disse Lênin, “el marxismo no es un dogma muerto, no es una doctrina acabada, terminada, inmutable, sino una guía viva para la acción [...]” (LÊNIN, 1980, pp. 325-326). Como se verá adiante, o marxismo é a expressão de uma teoria e ação unificadas (que pode ser chamada, como o foi por alguns, de 'práxis') o que por si só coloca desafios para o entendimento metodológico, pois o acento da formulação não se dá na explicitação dele próprio, mas na orientação prática do mesmo. Isto é agravado pelo falecimento de dois dos principais teóricos marxistas, o próprio Karl Marx e Vladimir Lênin, antes de realizarem as obras que planejavam sobre o materialismo dialético, o que impediu o acesso a uma fonte mais sistematizada.

O caráter científico da Teoria marxista – incluindo-se a ciência particular do materialismo histórico, no estudo das sociedades, e o materialismo dialético, entendido aqui como expressão filosófica emanada das ciências que se torna uma Ciência das ciências, o entendimento profundo da constituição da realidade – bem como de seu método – entendido aqui como o conjunto de técnicas de análise científica com vistas à atuação sobre a realidade – leva a que ele seja alvo de um cerco pelas ideologias, possuindo uma natureza “conflituosa e *cisionista*, e estar submetida a essa dialética resistência-ataques-revisão-cisões” [grifo no original]” (ALTHUSSER, 2000, p.79). Não só a Filosofia é um campo de luta política, mas a Ciência também o é.

Louis Althusser (2000) esclarece o significado desses processos ao tratar da teoria freudiana, mas que pode ser generalizada não só a teoria marxista, mas as teorias em geral (com suas devidas adequações, por exemplo, a existência ou não de verdade nela, já que inexistindo, não ocorrerão os processos de anexação e revisão):

Desde o seu nascimento, e esse fenômeno nunca deixou de se repetir, provocou contra si não somente uma forte resistência, não somente ataques e críticas, mas também, e isso é o mais interessante, tentativas de *anexação* e *revisão*. Digo que tais tentativas de anexação e de revisão são mais interessantes que os ataques e críticas, porque significam que a teoria contém – seus adversários o confessam – algo de *verdadeiro* e de *perigoso*. Onde

não existe nada de verdadeiro, não existe, tampouco, nenhuma razão para anexá-lo ou revisá-lo. Existe, portanto, em Freud, algo de verdadeiro, de que é preciso apropriar-se, para rever seu sentido, *uma vez que isso que é verdadeiro é perigoso*: é preciso revê-lo para neutralizá-lo. Cria-se, assim, um círculo, cuja dialética é implacável. O mais importante é que esse fenômeno, que começa sempre *fora* da teoria freudiana (em seus adversários) acaba sempre *dentro* da teoria freudiana. É, então, a partir de seu próprio interior que a teoria freudiana se vê obrigada a defender-se contra as tentativas de anexação e de revisão: o adversário acaba sempre por “infiltrar-se” – o revisionismo – provocando contra-ataques internos que acabam em cisões. Ciência conflituosa, a teoria freudiana é uma ciência *cisionista*, cuja história vem marcada por cisões incessantemente renovadas. [Grifos no original]. (ALTHUSSER, 2000, pp. 78-79)

Não é difícil perceber a semelhança desses processos na teoria marxista. Ao se tomar contato com a história do marxismo, ver-se-á que não é muito distante da história da teoria freudiana, apenas ampliada exponencialmente por seu caráter mais claramente, mais diretamente, contraditório com as relações sociais do modo de produção capitalista. A transcrição a seguir da continuidade deste texto de Althusser pode se apresentar longa, mas é necessária para o tema aqui abordado:

Pois bem, anteriormente à teoria freudiana, a ciência marxista nos mostra o exemplo de uma ciência necessariamente conflituosa e *cisionista*. E aqui não se trata de um acidente, nem da ignorância surpreendida ou dos preconceitos dominantes, atacados em sua comodidade e em seu poder: trata-se de uma necessidade organicamente ligada ao próprio objeto da ciência fundada por Marx. Toda a história da teoria marxista e do marxismo o provam, a começar, para se dar um exemplo, pela história do próprio Marx. Partindo de Hegel e de Feuerbach, em quem acreditou encontrar a crítica de Hegel, Marx só chegou a alcançar posições filosóficas, a partir das quais lhe foi possível descobrir o seu objeto, através de uma longa luta política e filosófica, interna e externa. E só chegou a ocupar essas posições quando rompeu com a ideologia burguesa dominante, depois de haver experimentado, política e intelectualmente, o *caráter antagônico* que têm o mundo da ideologia burguesa dominante e as posições filosóficas que permitiram *descobrir* o que o imenso edifício da ideologia burguesa e suas formações teóricas (Filosofia, Economia Política, etc.) tinham *como missão dissimular*, a fim de perpetuar a exploração e o domínio da classe burguesa. Marx se convenceu, assim, de que a *verdade* que descobria não tinha por adversário *acidental* o “erro”, ou a “ignorância”, *mas o sistema orgânico da ideologia burguesa, peça essencial da luta de classe burguesa*. [...] Toda a história do marxismo verificou, e diariamente, verifica, o caráter *necessariamente conflituoso* da ciência fundada por Marx. A teoria marxista, *verdadeira* e perigosa, converteu-se rapidamente num dos objetivos vitais da luta de classe burguesa. E assim veio a funcionar a dialética que eu antes assinalava: ataque-anexação-revisão-cisão, o ataque *vindo de fora* passou a ser ataque *vindo de dentro* da teoria, a qual se viu invadida pelo revisionismo. A ele respondeu o contra-ataque da cisão em determinadas situações-limite (Lênin contra a IIª Internacional [e pode-se acrescentar, Trotsky e a IIIª Internacional]). Foi através da dialética implacável e *inevitável*, de uma luta irreconciliável, que o marxismo cresceu e se fortaleceu, antes de atravessar graves crises, sempre conflituosas. [Grifos no original]. (ALTHUSSER, 2000, pp. 79-80)

Outro elemento dificultador é o carácter de síntese e superação dialética que o marxismo representa, tendo nascido “sob o terreno do máximo desenvolvimento da cultura da primeira metade do século XIX, cultura representada pela filosofia clássica alemã, pela economia clássica inglesa, e pela literatura e prática política francesa” (GRAMSCI, 1974, p.130) como se desenvolverá mais tarde. E as interpretações que se dão posteriormente, no âmbito da divulgação, particularmente no início do século XX, quando o marxismo teve que “fazer alianças com tendências estranhas para combater os resíduos do mundo pré-capitalístico nas massas populares, especialmente no terreno religioso” (GRAMSCI, 1974, p.119), acabam por resvalar na sua aproximação popular com os aspectos mais ligados ao materialismo mecanicista (presente transversalmente na influência inglesa e francesa). Ou, quando na sua vertente mais intelectualista, com aspectos mais ligados ao idealismo (presente na influência alemã da dialética idealista, com ligações com o kantismo ou com o iluminismo francês). Pois ela tinha que se enfrentar com duas tarefas:

combater as ideologias modernas na sua forma mais refinada, para poder constituir o próprio grupo de intelectuais independentes, e educar as massas populares, cuja cultura era medieval. Esta segunda tarefa, que era fundamental, dado o carácter da nova filosofia, absorveu todas as forças, não só quantitativamente, mas também qualitativamente. (GRAMSCI, 1974, p.119)

Em outras palavras: para se popularizar, tarefa principal que se deu nos marcos da II Internacional e depois na III Internacional, acabou ocorrendo uma vulgarização que erodiu um dos aspectos basilares do marxismo, a dialética. Não por acaso ocorre a influência do positivismo e do evolucionismo.

O carácter de síntese supracitado engendrará a possibilidade de que na sua aplicação, derivado de condições históricas particulares e do próprio teorizador que o aplica (produto e produtor dessas condições), que houvesse a tendência a um pendor mais materialista, descartando a dialética, consubstanciada num materialismo vulgar de cariz positivista; ou, numa tendência com pendor mais dialético, mas em contraposição ao materialismo, reaproximando-se do idealismo. Mais contemporaneamente, surgirá uma terceira vertente do revisionismo, que por falta de melhor nome, será batizada de 'fetichismo do método' e que será abordada posteriormente com mais precisão.

Autores como Antônio Gramsci, György Lukács e Louis Althusser persistem na aplicação do materialismo dialético, mesmo que cometendo erros e resvalando em vários momentos em um dos pólos, o que só reafirma a dificuldade inerente a aplicação de algo novo e ainda não

sedimentado como o materialismo dialético. Expressa também, ao mesmo tempo, a natureza do materialismo dialético como uma 'filosofia sitiada', ao mesmo tempo atacada por todos os lados pelas diversas ideologias burguesas. As muralhas do marxismo são rompidas em vários pontos, o tempo inteiro, e é necessário consertá-las permanentemente, numa tarefa que só terá fim quando (e se) o marxismo ganhar a arena política mundial, com a vitória da Revolução Mundial. Althusser trata deste problema, que está no cerne do problema da relação Ciência e Ideologia desta maneira:

Pois a ciência, que nasce na e da ideologia da qual ela se arranca, não está, uma vez nascida, assegurada e estabelecida em seu domínio como em um mundo fechado e puro onde ela não lidaria senão consigo mesma. Ela não cessa, vivendo, de trabalhar sobre uma matéria-prima sempre afetada, a um título ou a um outro, de ideologia, e ele não se estende senão ao avançar sobre "domínios" ou "objetos" designados por noções que sua conquista permitirá, **retrospectivamente**, qualificar de **ideológicos**. O trabalho de crítica e de transformação do ideológico em científico, que inaugura toda ciência, não cessa, portanto, jamais de ser a tarefa da ciência estabelecida. **Toda ciência não é senão um corte continuado**, escandido nos cortes ulteriores, interiores. [Grifos no Original] (ALTHUSSER, 2008a)

Para o marxismo, esse corte continuado só pode ser resolvido pela dupla batalha em defesa da ciência contra a ideologia no terreno das ideias, mas fundamentalmente no terreno da prática.

Outro exemplo bem sucedido, o mais bem sucedido de todos, é o de Vladimir Lênin, a partir da inflexão que possui com o seu estudo das obras hegelianas em 1914-1915, materializada em seu rascunho *Sobre o problema da dialética* (PEREIRA, 2004), mas, principalmente, pela sua posição de vanguarda da luta de classes mundial. Contudo, outros enveredarão pelos caminhos equivocados citados acima.

No primeiro caso, do materialismo vulgar, que passará a se chamar correntemente de 'Marxismo Soviético' a partir da definição de Herbert Marcuse. Esse marxismo desenvolvido pela burocracia soviética (e demais burocracias que surgirão seguindo seus passos) teoricamente procurou se ligar à Lênin, apesar de ter se afastado cada vez mais de suas formulações. O melhor nome, por não ter apenas sido uma vertente soviética, mas sendo reproduzido pelos Estados e partidos satélites de Moscou, bem como por outros que se desgarrarão de seu controle, como o caso da Iugoslávia, China e Albânia, seria de 'Marxismo Burocrático', pois representa uma leitura redutora realizada pelas burocracias.

No segundo caso, reivindicando Gramsci e Lukács, no campo do idealismo dialético, se encontrarão, por exemplo, os autores da chamada 'Escola de Frankfurt' e variações do chamado

'Humanismo Teórico'. Esta corrente reforçará, por contraposição a primeira, os elementos dialéticos, num regresso à dialética Hegeliana e em ruptura com a dialética marxista ao romperem com o materialismo. Se o marxismo botou de pé a dialética hegeliana, eles a colocaram de novo de ponta cabeça, ainda que se utilizando de outras expressões, aparentemente afeitas ao marxismo. Costuma-se chamar esta revisão de 'Marxismo Ocidental', por mais que sobre esta rubrica estejam colocados intelectuais marxistas que não trilham o caminho desse revisionismo.

Coloca-se para o reforço do marxismo e de seu método, a necessidade de “que as duas tradições marxistas precisam igualmente ser superadas, para que renasçam o marxismo e o socialismo” (PEREIRA, 2004). Esta 'dupla revisão' (do materialismo vulgar e do retorno a dialética idealista hegeliana em novos termos) já é pressentida por Gramsci muito tempo antes da cisão entre o 'marxismo ocidental' e o 'marxismo soviético', quando afirma que “a filosofia da práxis sofreu realmente uma dupla revisão, isto é foi submetida a uma dupla combinação filosófica” (GRAMSCI, 1974, p. 114). Mas, essa combinação ainda não se dava na forma que se expressou depois, mas entre os 'intelectuais puros'

elaboradores das mais extensas ideologias das classes dominantes [... que] não podiam deixar de se servir pelo menos de alguns elementos da filosofia da práxis, para revigorar suas concepções [...] para fornecer com novas armas o grupo social a que estavam ligados. (GRAMSCI, 1974, p.115)

e, a 'tendência ortodoxa' que “encontrava-se em luta com a ideologia mais difundida nas massas populares, o transcendentalismo religioso, e julgava superá-lo apenas com o mais cru e banal materialismo” (GRAMSCI, 1974, p.115).

Antes de se avançar, há que se ressaltar um elemento atuante, central contra o desenvolvimento mais clarificado do método marxista e do marxismo como um todo: o papel da URSS stalinizada. A burocratização soviética (e a extensão desta burocratização às revoluções posteriores) substituiu a Teoria marxista e o método marxista por um pragmatismo que atrasou o desenvolvimento teórico em nome da 'razão de Estado', ou melhor, dos interesses da própria burocracia. O bloqueio à edição das obras que tratam do 'modo de produção asiático' é um desses exemplos. Isto atendia a um duplo interesse: não chamar a atenção para o fato de que a burocracia soviética se assemelhava à burocracia estatal asiática (como a chinesa do mandarinato), que como esta tenderia no longo prazo a tentar se converter em uma classe proprietária; bem como justificar as bases teóricas para a

teoria das etapas necessárias da história, ou, história etapista, da qual sua maior expressão é a teoria do socialismo em um só país desenvolvida por Stálin e posta em prática como teoria política do stalinismo durante toda segunda metade do século XX. (ANTUNES, s.d., p.2)

que por sua vez seguia a 'razão de Estado' do Estado burocrático. A Teoria marxista passa a ser um mero mecanicismo evolucionista. Dessa forma, perde-se um aspecto fulcral do marxismo, enquanto uma “teoria finita”:

Dizer que a teoria marxista é "finita" significa sustentar a idéia essencial de que *a teoria marxista é totalmente distinta de uma filosofia da história*, que pretenda "englobar" todo o devir da humanidade pensando-o efetivamente, e que seria, portanto, capaz de definir, antecipadamente e de modo positivo, o seu fim: o comunismo. A teoria marxista (se se deixa de lado a tentação de uma filosofia da história, à qual o próprio Marx às vezes cedeu, e que dominou de modo esmagador a Segunda Internacional e o período staliniano) está *inscrita na fase atual existente, e é limitada a ela*: a fase da exploração capitalista. Tudo que ela pode dizer do futuro é o prolongamento *alusivo e em negativo* da possibilidade objetiva de uma tendência *atual*, a tendência ao comunismo, que pode ser observada em toda uma série de fenômenos da sociedade capitalista (da socialização da produção às formas sociais "intersticiais"). (ALTHUSSER, 2008b)

É necessário precisar, no entanto, antes de se avançar, sobre o caráter “finito” da Teoria Marxista: significa com isto dizer, não que o marxismo necessariamente será superado no futuro, mas que ele não é espaço para futurologia, para uma filosofia da história, mas serve apenas por sua natureza para a análise de uma realidade concreta. Ou seja, em sua materialização enquanto uma ciência, pois “para o materialismo, todo descobrimento nada mais faz senão produzir a forma de conhecimento de um objeto já existente *fora do pensamento*” [Grifo no original] (ALTHUSSER, 2000, p.76). É por isso que se deve

recusar completamente a idéia, que se encontra ainda em certas expressões de Lenin, e também de Gramsci, de que a teoria marxista é uma teoria "total", similar a uma filosofia da história que culmina em uma prática do Saber absoluto, e capaz de pensar problemas que "não estão na ordem do dia", antecipando arbitrariamente as condições de sua solução. Se a teoria marxista é verdadeiramente "finita", é a partir da profunda consciência de sua finitude que é possível colocar a maior parte dos nossos grandes problemas. (ALTHUSSER, 2008b)

Defende-se aqui que se pode incorporar o marxismo como teoria total apenas em sua dimensão espacial, como Teoria que abarca todos os campos da realidade atual, tendo o Universo enquanto objeto, seja nos campos da natureza como das sociedades. Contudo, como se pode concluir a partir das colocações de Louis Althusser, não pode ser uma teoria total em sua dimensão temporal. Isto é, não sem abandonar seus fundamentos e se transformando em algo distinto, sobre influência ideológica burguesa, numa filosofia especulativa, numa filosofia da história. A História não tem um sentido pré-determinado, nem se move sobre si mesma, é um processo constituído pelas contradições do processo da vida. Como aprendemos com as descobertas einsteinianas, o tempo e o espaço tridimensional devem ser encarados como o espaço-tempo, sendo o tempo mais uma das dimensões. Logo, o tempo em que vivemos limitará inclusive o escopo espacial: não conhecemos todo o Universo atual, por isso, efetuando uma precisão da formulação anterior, a teoria marxista abarca todos os campos da realidade atual, tendo o Universo conhecido enquanto objeto. Sobre a existência ou não do multiverso e suas características o marxismo ainda não pode emitir nenhuma opinião, por exemplo. É, também por essa via, que o marxismo não pode se confundir com o empirismo, que

é incapaz de explicar: transformação da posição dos problemas, e a transformação dos objetos de conhecimento no processo de conhecimento, isto é, a aparição de novos objetos até aí não vistos. O empirismo pensa que o conhecimento é uma visão: ele é incapaz de explicar a aparição de novos objetos no campo de "visão", e portanto o fato de que esses novos objetos não eram "vistos" anteriormente. (ALTHUSSER, 2008a)

De fato, dois são os limites do conhecimento: os materiais, sobre os limites do alcance da ação humana material, e também os teóricos, que estão em relação dialética com estes.

Evidentemente, os problemas (teóricos) reais produzidos pelo processo de conhecimento concernem **realidades** que existem independentemente do processo de conhecimento, e pertencem ao **processo real**; e essa compatibilização constitui justamente o efeito de conhecimento produzido pelo processo de conhecimento. [Grifos no original] (ALTHUSSER, 2008a).

Curiosamente, esse comentário de Althusser sobre a relação entre processo de conhecimento (teoria) e processo real (prática) é uma das melhores definições para algo que ele mesmo problematiza: a práxis.

1.1 - Caminhos a trilhar

Um dos caminhos propostos para superar estas dificuldades é o que Caio Prado Júnior sugeriu: o estudo do método é possível através da análise da aplicação prática do mesmo e, em particular, das indicações que Marx dará no capítulo “O método da Economia Política” do seu estudo para *O Capital*, intitulado *Grundrisse (Elementos fundamentais para a crítica da economia política)* de 1857/58.

Apesar de seu desenvolvimento ser interessante, em sua obra *Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista*, ele apresenta mesmo uma grande debilidade: não sistematiza tão bem o método como prometera inicialmente.

Outro caminho proposto de entendimento do método marxista, de maior complexidade, é o de Antônio Gramsci, para quem o

nascimento de uma concepção do mundo que nunca foi exposta sistematicamente pelo seu fundador (e cuja coerência essencial se deve procurar não em cada escrito particular ou em cada série de escritos mas no desenvolvimento global do trabalho intelectual disperso em que estão implícitos os elementos da concepção), é preciso fazer preliminarmente um trabalho filológico minucioso e conduzi-lo com o máximo escrúpulo de exactidão, de honestidade científica, de lealdade intelectual, de ausência de qualquer preconceito e apriorismo ou tomada de partido. É preciso antes de mais nada reconstruir o processo de desenvolvimento intelectual do pensador em questão, para identificar os elementos que se tornaram estáveis e <<permanentes>>, isto é que foram assumidos como pensamento próprio, diverso e superior ao <<material>> precedentemente estudado e que serviu de estímulo [...]. (GRAMSCI, 1974, p.107)

Ele segue com uma série de recomendações, inclusive uma em especial sobre Karl Marx, pensando em sua relação com Friedrich Engels e entre as obras publicadas em vida e postumamente (GRAMSCI, 1974, pp.110-112). Contudo, por mais que as recomendações do marxista italiano estejam corretas, elas se tornam inviáveis nas condições atuais de pesquisa aqui dispostas, pelo gigantismo dessa tarefa, tendo em vista a enorme produção teórica de Karl Marx. Além de que, em particular sobre o método, este pressupõe ajustes ao ser aplicado. Por isso, por mais que este seja um caminho que deva ser trilhado como um projeto de longo prazo, não o pode ser nas condições atuais. Apontamentos nesse sentido podem ser extraídos das obras de Louis Althusser que apresentam o 'corte epistemológico' processado por Karl Marx em seu caminhar. Se for possível

datar tal corte “como uma data (1845), ela não é senão o começo de um evento de longuíssima duração, e que, em certo sentido, não tem fim” (ALTHUSSER, 2008a).

De fato, como afirmava Lênin¹, o “o que constitui a verdadeira substância (gist), a alma viva do marxismo – [é] uma análise concreta de uma situação concreta” (BIANCHI, s.d., p.7), e sendo conseqüente com as formulações dele, pode-se afirmar que o método marxista “tem a função de compreender a ‘situação concreta’ com vistas a sua transformação” (BIANCHI, s.d., p.7). Logo, a evolução do método e sua essência deveriam ser procuradas num estudo aprofundado da aplicação histórica do método em 'várias análises concretas de situações concretas', realizadas pelos mais variados marxistas, em sua evolução desde Marx e Engels, com vistas a extrair das diferenças metodológicas apresentadas a essência do mesmo, diacronicamente, na dinâmica da práxis político-teórica. Dessa forma, seria necessário descartar o que sejam debilidades na aplicação do mesmo, devido às maiores ou menores capacidades de cada teorizador, ou as diferenças das diversas formações econômico-sociais analisadas. Fundamentalmente, isto seria necessário para se realizar o teste de quais elementos se transformaram com a prática frente às mudanças sistêmicas que se operaram, em particular a passagem para o capitalismo imperialista, e o que é erro na aplicação ou incapacidade de um pesquisador.

Contudo, essa crítica interna da aplicação do método marxista, por mais que seja reveladora e precisadora de seus elementos constitutivos terá limites que são próprios de seu 'pecado original': considerar *o método como a essência do marxismo*, uma espécie de '*fetichismo do método*'. Se os que afirmam isto querem reforçar o caráter prático do marxismo, acabam por perder o seu cerne teórico. Os mesmos que defendem o conceito de práxis acabam convertendo, por uma operação derivada de seu 'pecado original', o marxismo num pragmatismo, ou quando muito, num empirismo, ao dissociá-lo de sua dimensão teórica. Já se citou logo no início Lukács, para quem “a ortodoxia em matéria de marxismo refere-se [...] exclusivamente ao método” (LUKÁCS, s.d.).

Concorda-se aqui com José Paulo Netto, em seu mais recente livro “Introdução ao estudo do método de Marx”, de que os manuais stalinistas simplificam o marxismo, numa longa história que constitui uma genealogia das

¹ LENIN, V.I. Kommunismus. Journal of the Communist International For the Countries of South-Eastern Europe (in German), Vienna, n. 1-2 (February 1, 1920) to n. 18 (May 8, 1920). In: *Collected works*, Moscow: Progress, 1966. v. 31, p. 166. In.: BIANCHI, A. Lenin e a filosofia: notas para uma leitura metodológica. S.d. In.: <http://www.e-science.unicamp.br/>. Acedido em 10 de junho de 2011 em http://www.e-science.unicamp.br/marxismo/admin/projetos/documentos/documento_579_Lenin.pdf. P.7.

deformações [que] tiveram por base as influências positivistas, dominantes nas elaborações dos principais pensadores (Plekhanov, Kaustky) da Segunda Internacional [...]. Essas influências não foram superadas – antes se viram agravadas, inclusive com incidências neopositivistas – no desenvolvimento ideológico ulterior da Terceira Internacional [...], culminando da ideologia stalinista. (PAULO NETTO, 2011, p.12)

Mas, discorda-se da crítica dele à concepção do marxismo como teoria “total”, no sentido que se definiu anteriormente de teoria que abarca todos os campos da realidade atual, tendo o Universo conhecido enquanto objeto. Sua crítica, que é justa em relação à simplificação stalinista, acaba por exceder os limites dela e atacar os fundamentos do próprio marxismo, reduzindo-o a um método. Mistura de forma simplificadora – que se acredita aqui derivar do pequeno tamanho de sua obra, mas que não deixa de ser perigoso, pois é a mesma voltada aos que começam a se aproximar do marxismo – as discussões em torno aos campos de atuação e a natureza do materialismo dialético, do materialismo histórico e do método marxista com o dogmatismo, as concepções monistas, de cariz economicista da história, de fato uma versão reducionista do marxismo. Veja-se, por exemplo, no que seria o debate central, como trata esse autor do tema:

Delas resultou uma representação simplista da obra marxiana: uma espécie de saber total, articulado sobre uma teoria geral do ser (*o materialismo dialético*) e sua especificação em face da sociedade (*o materialismo histórico*). Sobre esta base surgiu farta literatura manualesca, apresentando o método de Marx como resumível nos “princípios fundamentais” do materialismo dialético e do materialismo histórico, sendo a *lógica dialética* “aplicável” indiferentemente à natureza e à sociedade, bastando o conhecimento das suas *leis* (as célebres “leis da dialética”) para assegurar o bom andamento das pesquisas. Assim, o conhecimento da realidade não demandaria os sempre árduos esforços investigativos, substituídos pela simples “aplicação” do método de Marx, que haveria de “solucionar” todos os problemas: uma análise “econômica” da sociedade forneceria a “explicação” do sistema político, das formas culturais etc. [Grifos no original]. (PAULO NETTO, 2011, p.13)

Num tom jocoso, em poucas linhas, com muitos *entre aspas* acaba confundindo uma forma de pensar o marxismo que se origina no próprio Marx maduro e em Engels com a aplicação simplificada e deturpada pela burocracia soviética. É o velho caso de *jogar a água fora com o bebê junto*. Na verdade, acaba deixando por não aplicar o próprio elemento que ele, citando Lukács, afirma ser o elemento distintivo do marxismo “como realçou um dos seus mais qualificados estudiosos, “é o ponto de vista da totalidade e não a predominância das causas econômicas na explicação da história que distingue de forma decisiva o marxismo da ciência burguesa” (PAULO NETTO, 2011, p.14). Vendo apenas a expressão distorcida das concepções que critica, acaba por

focar no aspecto degenerado sem ter a visão da totalidade que reivindica. Para entender o marxismo é necessário não reduzi-lo como está em voga, ao método marxista, mas é necessário enxergá-lo sim como uma totalidade, aonde o método é apenas um momento dela. Para entender o método marxista, é necessário entender a totalidade do marxismo, pois o método é parte determinada dessa totalidade concreta e contraditória, relaciona-se com o lado prático do marxismo, mas só pode ser entendido em sua relação com a Teoria, com o materialismo dialético (e o materialismo histórico quando relacionar-se a aplicação do método à sociedade). O método encontrar-se-á como uma representação fractal da totalidade do marxismo. Se encontra no método não mais do que na totalidade, absurdo lógico óbvio, mas menos. No método constam os rasgos principais, os elementos constitutivos da totalidade, não por ser ele mesmo a totalidade, mas por ser um momento da totalidade. Por isso, para estabelecer os parâmetros do método deve-se vislumbrar a totalidade em que se inclui, não a parte. Como para se entender um indivíduo não se pode olhar para ele, mas para o conjunto, a totalidade de determinações em que se insere e que estabelece os limites de sua realização individual e de suas ações. Para isso, dar-se-á um passo à frente, entendendo o marxismo enquanto uma concepção de mundo.

Cabe ressaltar, como a análise descombinada dos três elementos: materialismo dialético, materialismo histórico e método podem criar obstáculos epistemológicos. Um exemplo é o *Ideologia Alemã*:

À luz dessa conclusão, pode-se ver, sem dúvida, o que significa o que chamamos a ausência do materialismo dialético em *Uidéologie allemande*. Em *Uidéologie allemande*, começa a ruptura com o passado no terreno da ciência da história. Mas a ruptura com o passado no terreno da filosofia ainda não começou. Primeira presença do materialismo histórico, ausência do materialismo [dialético]: pode-se ver seus efeitos na confusão dos conceitos que analisamos. Mas o efeito mais pertinente dessa conjuntura desequilibrada é a teoria da ideologia que nos dá *Uidéologie allemande*. [...] Não nos surpreenderemos com a ausência de teoria da ciência em *Uidéologie allemande*. Não se pode fazer teoria da ciência senão em uma filosofia. Em suma, com a correção de um empirismo historicista radical que declara que o Homem não é senão ideologia, e que a ideologia não é nada, estamos ainda na herança filosófica de Feuerbach. (ALTHUSSER, 2008a)

2 - O marxismo enquanto concepção de mundo

Segundo Henri Lefebvre, uma concepção de mundo é

En primer lugar, toda concepción del mundo implica una acción, es decir, algo más que una 'actitud filosófica'. Y esa acción existe inclusive cuando no es formulada y relacionada expresamente con la doctrina, cuando su conexión queda sin formular y no da lugar a un programa. En la concepción cristiana del mundo la acción no es otra que la política de la iglesia, sometida a la decisión de las autoridades eclesiásticas; y aunque esa acción carece de conexión racional con una doctrina racional, no por ello deja de ser muy real. En la concepción marxista del mundo la acción se define racionalmente [poder-se-ia melhor definir por cientificamente, pois toda concepção passa, em diferentes graus, tanto pela razão como pela irracionalidade, pela consciência como pela inconsciência...] y da lugar, abiertamente, a un programa político. (LEFEBVRE, 1961, p. 1)

Ele então enuncia três grandes concepções de mundo que coexistiriam e ainda coexistem atualmente: a cristã (hierárquica); a individualista e a marxista. Contudo, é possível especular a existência histórica e mesmo contemporânea de mais do que essas concepções. Porém, analiticamente podem-se resumir todas as concepções de mundo a combinações de duas respostas contraditórias a duas distintas questões fulcrais, que estão na base da estruturação de todas. Deixando de lado as particularidades das respostas dadas por cada uma, e por seus pensadores em particular, elas são as seguintes: a) A realidade é um 'eterno devir' (contraditória e em transformação) ou é 'estática' (reduzida a uma essência imutável do ser); b) A realidade é determinada pela matéria ou pelas ideias? Dizendo de outra maneira: o que preexiste, as ideias ou a matéria?

Friedrich Engels enfoca uma destas questões que considera fulcral como divisor da filosofia ao longo de toda a história, dizendo que:

A grande questão fundamental de toda filosofia, em particular da filosofia moderna, é a da relação entre o pensamento e o ser. [...] Segundo a resposta que dessem a esta pergunta, os filósofos dividiam-se em dois grandes campos. Os que afirmavam o caráter primordial do espírito em relação à natureza e admitiam, portanto, em última instância, uma criação do mundo, de uma ou de outra forma (e para muitos filósofos, como para Hegel, por exemplo, a gênese é bastante mais complicada e inverossímil que na religião cristã), firmavam o campo do idealismo. Os outros, que viam a natureza como o elemento primordial, pertencem às diferentes escolas do materialismo. (ENGELS, s.d., p.4)

Ao longo da história ocorreram as mais variadas combinações para estas respostas, cruzando-as das mais variadas formas: entre as duas respostas possíveis para a primeira, a dialética (simplificadamente, a transformação como essência da realidade, ou como diz Althusser, o *“processo sem sujeito” que se pode extrair de Hegel*) e a metafísica (também de forma

simplificada, a imutabilidade da realidade, mesmo que sob a aparência da transformação); e, as duas respostas para a segunda, o materialismo e o idealismo, já citados acima.

Não só ocorreram essas combinações, como cada uma delas teve múltiplas interpretações. Um exemplo é o idealismo, do qual existiram (e ainda existem) duas variantes: o idealismo objetivo – em que a ideia que origina a realidade é exterior ao indivíduo – como o existente na teoria das ideias platônica ou na concepção cristã de mundo; e o idealismo subjetivo – em que é o próprio indivíduo que constrói a sua realidade mentalmente, a realidade sendo uma construção sua – presente, por exemplo, na concepção do Bispo de Berkeley (criticada no livro *Materialismo e Empirio criticismo* de Vladimir Lênin). Na verdade, por trás desses idealismos há outro pressuposto equivocado: a transformação das categorias analíticas de sujeito e objeto em categorias da realidade.

Contudo, se já havia, por exemplo, uma dialética idealista, como a de Hegel e os hegelianos, e um materialismo metafísico, como o de Ludwig Feuerbach, a combinação do materialismo e da dialética é a inovação base da concepção de mundo inaugurada por Karl Marx e Friedrich Engels. É esta fusão do materialismo com a dialética, a superação dialética dos dois, pois não mera soma, mas uma fusão que produziu algo novo, que é o materialismo dialético, o núcleo central de todo o marxismo, do qual deriva o método marxista. É através disto e pela aplicação de seu método que Marx e os marxistas tentam descodificar o universo e suas leis com vistas à transformação, pois “os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo” (MARX, s.d.).

3 – O surgimento do materialismo dialético: culminância do pensamento mais avançado do século XIX

O gênio de Marx reside precisamente em ter dado respostas às questões que o pensamento avançado da humanidade tinha já colocado. A sua doutrina surgiu como a continuação direta e imediata das doutrinas dos representantes mais eminentes da filosofia, da economia política e do socialismo. (LÊNIN, s.d.)

É assim que define Vladimir Lênin o marxismo em sua obra *As Três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. Não por acaso este livro possui esse nome, pois segundo o autor “o marxismo é o sucessor legítimo do que de melhor criou a humanidade no século XIX: a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês” (LÊNIN, s.d.).

O marxismo é o fruto direto de uma sistematização das descobertas científicas mais avançadas do século XIX, que estavam dispersas e davam visões parciais da realidade: o materialismo mecanicista, do tipo de um Newton, de um Laplace ou de um Diderot; ou de tipo metafísico, da economia política clássica da Grã-Bretanha²; da dialética idealista hegeliana; e da doutrina social e política francesa, não só o socialismo de um Saint Simon ou Charles Fourier, mas a descoberta da luta de classes pelos historiadores (não-socialistas) Thierry, Mignet ou Guizot. Não haveria marxismo se antes de Marx e Engels não houvesse esses contributos, como ainda outro marcante, o de Charles Darwin.

Isso não é estranho:

A dimensão cíclica do fenómeno [ocorrida com os gregos, Renascimento, no século XVII com Galileu ou Newton, e no século XX, Einstein, Bohr e Heisenberg] parece-me justificar que se ajuíze de modo mais objectivo e geral dizendo que no seu processo de crescimento as ciências sentem propensão para a auto-análise, para a auto problematização; o saber por elas construído motiva novas interrogações de índole filosófica [...]. (BRANCO, 1990, p. 193)

O que em outras palavras é o mesmo que afirma Gaston Bachelard de que “a ciência cria ela própria filosofia”³ (BRANCO, 1990, p. 195). Como se tratará mais à frente, a abertura do continente História por Marx abrirá primeiro o caminho de uma nova ciência, a do materialismo histórico, e a revisão crítica das outras ciências, levando a uma revolução filosófica, o materialismo dialético.

Engels irá, por exemplo, perceber que o desenvolvimento científico de meados do século XIX

significava, do ponto de vista epistemológico, a passagem do mecanicismo para uma visão dialética espontânea no tocante às questões científicas. Ainda que os cientistas não fossem conscientes da importância do método dialético, a dialética passou a ser uma necessidade premente para compreensão e avaliação das novas descobertas. (CINDRA, 1995, p.75)

Nesse aspecto, três foram consideradas por ele fundamentais, e que demonstram como os fundadores do marxismo preocupavam-se em se ocupar de acompanhar os desenvolvimentos

² É injusto denominar como economia política inglesa, sendo que o primeiro grande teórico, Adam Smith, era escocês.

³ BACHELARD, G.. *Le nouvel esprit scientifique*. Paris: PUF, 1975. p. 7. In BRANCO, J.M. de F. *Dialética, ciência e natureza*. Lisboa: Caminho, 1990. p. 195.

científicos para a sua elaboração filosófica, tendo em vista ser o marxismo um método materialista e científico:

Cronologicamente, a primeira delas foi a descoberta da célula orgânica como unidade fundamental de todos os seres vivos, por Schwann e Schleiden. A segunda foi a lei da conservação de transformação da energia, como coroamento do trabalho de vários pesquisadores, entre aos quais se destacam Mayer, Joule e Helmholtz. [...] A lei da evolução por meio da seleção natural, coroamento dos trabalhos de Darwin, na década de 50 do século passado, foi a terceira descoberta a chamar a atenção de Engels. A teoria de Darwin mostrava em linhas gerais que toda a natureza viva estava sujeita à lei do devir, pondo um fim, desse modo, à idéia de fixidez das espécies e ao criacionismo. (CINDRA, 1995, p.75)

As duas maiores contribuições do marxismo para a ciência contemporânea, inclusive no campo das ciências naturais, segundo José Maria de Freitas Branco, e que os resultados das mesmas corroboram, são a “necessidade de pensar o momento da *passagem*, a ligação; e a urgência de pensar o todo como uma totalidade [grifo no original]” (BRANCO, 1990, p.202). Já para Lênin, a principal contribuição fornecida pela dialética (que estará contida no marxismo), pois é o seu núcleo, é a “afirmação de que a unidade dos contrários é inerente à essência das coisas e de que, por conseguinte, o desenvolvimento é um automovimento através de contradições e de lutas para superá-las” (PEREIRA, 2004).

Curiosamente, a influência da Economia Política Clássica para o método marxista, em particular a de David Ricardo, tem sido diminuída, ou mesmo não reconhecida, com a exceção de Gramsci, que afirma que “a filosofia da práxis [como ele se refere ao marxismo] é igual a Hegel mais David Ricardo” (GRAMSCI, 1974, p.131). Ele teve o mérito de afirmar a teoria do valor-trabalho, mas de acordo com o próprio Marx, tem “um segundo mérito [...] que] está em estreita correlação com o primeiro: Ricardo descobriu a oposição económica das classes [...] É por isso que Carey o denuncia como o pai do comunismo” (GRAMSCI, 1974, p.131). Porém, Gramsci acrescenta mais uma contribuição para além desta, pois este realizou a “descoberta do princípio lógico formal da <<lei da tendência>> [...e, a] filosofia da praxis [...] universalizou as descobertas de Ricardo estendendo-as adequadamente a toda a história, extraíndo-lhes originalmente uma nova concepção do mundo” (GRAMSCI, 1974, pp.131-132). Estas leis de tendência não são leis no sentido naturalista, nem contém um aspecto determinista, mas são históricas, num “ambiente organicamente vivo e conexo nos seus movimentos de desenvolvimento” (GRAMSCI, 1974, p. 133). Ou seja, específicos de um modo de produção e, mesmo em cada um deste, de cada formação social específica que absorve esse também por sua vez de modo histórico. Por isso, se sai do mero

estudo quantitativo dos fenômenos feito pela economia clássica, pois “na passagem da economia à história geral o conceito de quantidade é integrado pelo de qualidade, pela dialética quantidade se torna qualidade” (GRAMSCI, 1974, p.133). Como Gramsci indica “*Quantidade=necessidade; qualidade=liberdade*. A dialética (o nexos dialético) quantidade-qualidade é idêntico à dialética necessidade-liberdade [grifos no original]” (GRAMSCI, 1974, p.133). A profundidade dessa afirmação não pode ser analisada aqui, porém, há uma decorrência importante: tal qual o marxismo absorveu a formulação ricardiana convertendo a análise quantitativa em qualitativa, é o mesmo que se propõe politicamente, em converter o mundo da necessidade (o capitalismo) no mundo da liberdade (o comunismo), com uma fase transitória (o socialismo) ⁴.

A passagem supracitada da economia política clássica para a crítica da economia política se deu pela desnaturalização operada pela segunda em relação à primeira, pela historicização da economia política, inclusive pela ruptura com a concepção de Homem, sobre a qual se assentava a economia política burguesa em sua variante *Homo Economicus*. Enquanto a primeira concebe as relações econômicas de mercado

como <<eternos>>, <<naturais>>; a crítica analisa realisticamente as relações das forças que determinam o mercado, aprofunda-lhe as contradições, avalia as modificabilidades conexas ao aparecer de novos elementos e ao seu reforçamento e apresenta a <<caducidade>> e <<substituibilidade>> da ciência criticada; estuda-a como vida mas também como morte e acha no seu íntimo os elementos que a dissolverão e a superarão inevitavelmente, e apresenta o <<herdeiro>> que será presuntivo até dar provas manifestas da sua vitalidade, etc. (GRAMSCI, 1974, p.149)

Ainda ressaltando o papel ricardiano na gênese do método materialista dialético, citar-se-á apenas mais uma vez Gramsci, pois é necessário relevar o que só neste autor foi relevado:

Trata-se de ver que Ricardo não teve apenas importância na fundação da filosofia da práxis apenas pelo conceito de <<valor>> em economia, mas também uma importância <<filosófica>>, sugeriu um modo de pensar e de intuir a vida e a história. O método do <<posto que>> da premissa que leva a uma certa consequência, parece que deve ser identificado como um dos pontos de partida (dos estímulos intelectuais) das experiências filosóficas dos fundadores da filosofia da práxis. (GRAMSCI, 1974, p.150)

Pode-se citar outra contribuição, de natureza metodológica, apropriada pelo marxismo dos economistas políticos clássicos, revisto por uma nova concepção de mundo, que permite espantar

⁴ Aqui se vê novamente a necessidade do estudo da passagem, do momento de transformação.

dele os elementos metafísicos e idealistas: a sua aplicação prática de análise. Para Marx, que estuda a partir da realidade material, do universo de contradições, não se poderia partir de outro ponto o início da investigação que não fosse do concreto. Contudo, esse concreto inicial apresenta-se como uma confusão de fenômenos entrecruzados, com categorias abstratas confusas, como no exemplo que ele dá no *Introdução a Contribuição para a crítica da Economia Política*, na sua exposição sobre o método da Economia Política, a categoria de população,

quando, por exemplo, deixamos de lado as classes de que se compõe. Por sua vez, estas classes serão uma palavra oca se ignorarmos os elementos em que se baseiam, por exemplo, o trabalho assalariado, o capital, etc. Estes últimos supõem a troca, a divisão do trabalho, os preços, etc. O capital, por exemplo, não é nada sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem os preços, etc. (MARX, 2007).

Isso não é estranho: nós ao atuarmos sobre a realidade desenvolvemos concepções sobre ela. Esse concreto inicial é isso, um conjunto de abstrações confusas do real, ideologias, síntese no pensamento do concreto contraditório – que “é a síntese de múltiplas determinações” (MARX, 2007). A partir dele deve-se ir realizando um movimento de abstração, decompondo-se esse concreto inicial em abstrações mais sutis, acabando por se “descobrir, mediante a análise, um certo número de relações gerais abstratas determinantes” (MARX, 2007). Após isto, pode-se retornar, fazendo “a viagem de regresso até encontrarmos de novo a população - desta vez não teríamos uma idéia caótica de todo, mas uma rica totalidade com múltiplas determinações e relações” (MARX, 2007). Este novo concreto é já um novo concreto, o chamado 'concreto pensado', aonde se apresenta já os conceitos abstratizados em suas relações mútuas e contraditórias. Se, nessa volta, ao se testar pela ação a análise, perceber-se que esta estava errada, deve-se voltar a reiniciar esse movimento concreto-abstrato-concreto pensado. E, nessas sucessivas aproximações, vai-se por meio de verdades relativas, aproximando-se da verdade. Em linhas gerais, este é o método de análise marxista produzido pelo materialismo dialético. Porém, como dito antes, é preciso entender profundamente os aspectos deste para entender o método, e é o que continuaremos à frente.

4 – A essência do materialismo dialética

O materialismo dialético, ao contrário do que equivocadamente afirmam Engels e Lênin, não é uma ciência em si, mas uma concepção de mundo, uma filosofia para as ciências, tanto da

natureza quanto sociais. Esta se baseia numa “concepção historicista da realidade, que se libertou de qualquer resíduo de transcendência e de teologia, mesmo na sua última encarnação especulativa” (GRAMSCI, 1974, p.130). Este aspecto 'historicista' do materialismo dialético é fundado sobre o conceito de práxis. Não foi por acaso, mesmo que em grande parte determinado pela produção sob condições adversas, que o obrigou a escrever utilizando-se de alternativas de nomenclatura em sua produção marxista, que esse autor escolhe o termo alternativo a marxismo de 'filosofia da práxis'. E, também não por acaso que, a partir das elaborações do russo Gueorgui Plekhanov, a “expressão 'materialismo dialético' [...] passou a concorrer com a de 'materialismo histórico', usada até então para caracterizar a doutrina de Marx e Engels” (PEREIRA, 2004).

Não é menor essa definição da essência do materialismo dialético, é uma verdadeira revolução:

Estamos, talvez, ainda perto demais da gigantesca descoberta de Marx para medir sua excepcional importância na história dos conhecimentos humanos. No entanto, começamos a estar em condições de qualificar a descoberta de Marx como um evento teórico prodigioso que "abriu" ao conhecimento científico um novo "continente", o da História. A esse título, ela é comparável, do ponto de vista teórico, apenas a duas outras grandes descobertas em todo o conhecimento humano: a descoberta de Tales "abrindo" ao conhecimento o "continente" da matemática, e a descoberta de Galileu, abrindo ao conhecimento o "continente" da natureza física. Aos dois "continentes" (e às suas regiões interiores diferenciadas) aos quais tinha acesso o conhecimento, Marx acrescentou, pela sua descoberta fundadora, um terceiro, que acabamos de começar a explorar.

Não apenas acabamos de começar a explorar esse "continente", do qual não suspeitamos ainda as riquezas, mas apenas começamos a medir o peso sem precedente dessa descoberta científica. Ela é mais do que uma descoberta simplesmente científica, pois traz em si, como todas as grandes descobertas científicas "continentais", conseqüências *filosóficas* incalculáveis, das quais ainda não tomamos a verdadeira medida. Esse último ponto é essencial. A revolução científica de Marx contém em si uma revolução filosófica, sem precedente, que, forçando a filosofia a pensar a sua relação com a história, perturba a sua economia. Estamos ainda perto demais de Marx para apreciar realmente o peso da revolução científica que ele provocou. Com mais razão ainda, estamos ainda perto demais dele para termos apenas uma idéia da importância da revolução filosófica que essa revolução traz consigo. Se hoje, de um modo em muitos aspectos cruel, nós nos confrontamos com o que se deve chamar de "atraso" da filosofia marxista com relação à ciência da história, não é apenas por razões históricas, mas por razões teóricas, das quais procurei alhures dar uma primeira idéia bastante sumária. Esse atraso é, em uma primeira fase, inevitável. Em contrapartida, em uma segunda fase, doravante aberta diante de nós, esse atraso pode e deve ser, no essencial, ultrapassado. (ALTHUSSER, 2008a)

Para entender essa historicidade é preciso compreender que o marxismo supera a divisão entre o subjetivismo e o objetivismo presente ao longo de toda a reflexão humana, e que reflete a divisão social do trabalho em trabalho intelectual e manual, ou em termos mais precisos, na divisão entre o pensamento e o ser. São expressões distorcidas desta, sendo o trabalhador intelectual em sua

crença de produção apenas subjetiva, o agente do subjetivismo, e o trabalhador manual, que realiza sua produção apenas enquanto objetivação não subjetivada, agente da objetificação. O trabalhador intelectual absorve do mundo os elementos para seu trabalho intelectual, mas sente ideologicamente esse mundo e seu trabalho como dimensões de sua intimidade, de si próprio, e não dessa interação; já o trabalhador manual, que em seu fazer torna sua subjetividade uma objetividade, corporificada no produto de seu trabalho, sente o mundo como algo objetivo, que não é passível de subjetivar, que o oprime desde fora. Claro está que uma filosofia objetivista não pode ser sistematizada por quem não o seja também um intelectual. Contudo, este o faz a partir da sabedoria popular, dos trabalhadores, que carrega elementos de bom senso⁵ da ideologia no caminho para a ciência. Mas, a interiorização deste elemento dá-se pela vinculação com a expressão religiosa, que é origem da crença na objetividade da 'realidade de um mundo exterior' (na expressão gramsciana):

De facto, esta crença é de origem religiosa, mesmo quando quem dela participa é religiosamente indiferente. Já que em todas as religiões ensinaram e ensinam que o mundo, a natureza, o universo, foi criado por Deus antes da criação do homem, e, portanto, o homem encontrou o mundo já feito, catalogado e definido de uma vez para sempre. (GRAMSCI, 1974, p.200)⁶

A divisão entre o objetivismo e o subjetivismo também se expressa em suas expressões mais acabadas, mais desenvolvidas filosoficamente, no materialismo mecanicista e na dialética idealista, respectivamente. Logo, a superação dessas duas expressões filosóficas remete para o materialismo dialético, que é a superação do subjetivismo e do objetivismo, a ocorrer

Somente no contexto social é que o subjetivismo e o objetivismo, o espiritualismo e o materialismo, a atividade e a passividade, deixam de ser e de existir como contradições. A resolução das contradições *teóricas* somente é provável por intermédio dos meios práticos, por meio da energia *prática* do homem. Por isso, a sua resolução não constitui de modo algum apenas um problema de conhecimento, mas é um problema *real* da vida, que a filosofia não conseguiu resolver, justamente porque a considerou *só* como problema puramente teórico [grifos no original]. (MARX, 2005, p.144)

⁵ Quando aqui se trata de 'bom senso' quer se remeter aquela parte do senso comum que está de acordo com as necessidades sociais gerais, não as particulares da classe dominante, que são o componente ideológico desse senso comum, que apesar de particulares desta apresentam-se como 'gerais', de 'todas as classes'. Ou, como se processa muitas vezes, negam a existência das classes, como é a característica dos mitos contemporâneos. Sob esse conceito de 'mito' e sua relação com a naturalização da vida social e o apagamento da existência das classes ver BARTHES (2001).

⁶ Mesmo entre os cientistas que fizeram a Revolução Científica de fins do século XVII, como Isaac Newton, guardavam o papel de Deus como criador da Natureza, comprovando a dificuldade que há na ruptura dessa concepção. Sobre isso se sugere entre outros livros e artigos, o de GOULD (2000).

É a concepção de mundo materialista dialética, que por isso é ao mesmo tempo uma Teoria e um programa para a ação, que pode resolver a contradição. Se quiser dar-se o nome disto de práxis, pode-se dar. Mas, corre-se o risco de esquecer que todas as concepções de mundo sempre são a fusão de uma teoria e prática, mesmo que contraditória. O que distingue o marxismo das demais é que há uma relação científica entre as duas, através da qual se resolve as contradições que surgem entre a teoria e a prática.

Um exemplo das relações entre o trabalho intelectual e o trabalho material, entre a subjetivação do mundo objetivo e a objetivação do sujeito – comumente denominado de práxis – é a própria história da dialética no mundo antigo. Segundo Jean-Marie Brohm

A história da dialética remonta aos primórdios do pensamento especulativo ocidental, particularmente o grego. Platão, Sócrates e Aristóteles, para não falar já de Lucrecio, Demócrito e Epicuro, etc., haviam pressentido que o real era dialético, mas, prisioneiros das relações sociais escravagistas em que se encontravam mergulhados e limitados pelo insuficiente desenvolvimento das forças produtivas (e, por conseguinte, do pensamento), tais filósofos não puderam sistematizar as leis gerais da dialética, sobre uma base materialista. (BROHM, 1979, p.11)

Aqui atua o fator material para impedir que esses gigantes da filosofia antiga não pudessem ir para além dos desenvolvimentos filosóficos que tiveram. Ao atuar sobre sua realidade, por mais geniais que fossem, por maior que fosse a agudeza de seu pensamento, os dados que lhes davam a realidade, a partir de sua posição privilegiada numa sociedade escravista que criava a condição de pensar sem preocupações materiais, lhes impediam de enxergar as bases materiais sobre o qual se assentam o mundo. Caso o vissem, conjugados com as reflexões filosóficas, chegariam à percepção que suas próprias bases materiais deveriam morrer para que nascessem outras. Uma das formulações de Marx é que nenhuma classe abre mão de seus privilégios de forma pacífica, e isto não possui só um sentido político, mas também filosófico: os limites do pensamento de uma classe é os do seu interesse de classe, logo, em última instância, os limites do território de seus privilégios.

E, é ainda em sua juventude que Marx percebe, nas suas *Teses sobre Feuerbach*, a ligação entre a Teoria e a prática, ou em outros termos, que a verdade científica de uma concepção de mundo se dará sempre a partir de uma sua aplicação

A questão de saber se ao pensamento humano pertence a verdade objectiva não é uma questão da teoria, mas uma questão prática. É na práxis que o ser humano tem de

comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o carácter terreno do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não realidade de um pensamento que se isola da práxis é uma questão puramente escolástica (MARX, s.d.).

Reafirma-se aqui a necessidade de se concatenar a Teoria marxista com a prática e o método. A separação do método, como é comum em autores marxistas atuais, do materialismo dialético, não é por acaso: é a única forma de superar os 'obstáculos epistemológicos' que as suas concepções de Homem trazem. É necessário explicar melhor: a utilização da ideia de um Homem à priori, com uma natureza humana fixa, como a definida nos *Manuscritos Económico-Filosóficos* e a derivação dele da alienação, carrega em si uma concepção de história teleológica (por isso fechada) que foi superada pelo próprio Marx, ao superar a divisão do subjetivo e o objetivo. Em alguns casos, acaba sendo quase cíclica: um Homem não-alienado vê-se alienado pelo sistema, mas ao fim e ao cabo, em outro nível superior, refar-se-ia, em outro sistema, o Homem, e assim alcançar-se-ia o Homem desalienado, que seria o Homem de um paraíso que é identificado com o comunismo. Se não se podem descartar, como faz Louis Althusser, completamente as categorias de Marx em sua obra de 1844, deve-se concordar com ele no entendimento do equívoco que ocorre nessa leitura transcendentalista do Homem. A alienação não é a expulsão de um paraíso, bem como a divisão entre trabalho manual e intelectual também não o é. Nunca existiu um paraíso, nem no céu, muito menos na terra. Há resquícios teológicos na concepção do jovem Marx e de muitos marxistas que se apóiam nessas elaborações do fundador do marxismo, resquícios utopistas, bem longínquos em relação à ciência marxista. Vislumbra-se o velho mito do regresso a uma era dourada arcaica, ou da segunda vinda do Messias a Terra.

O conceito alienação é útil não como um conceito transcendental que explique o passado, mas apenas como um conceito científico, como uma definição de uma realidade, e a desalienação, a práxis, como um elemento que se encontra potencialmente não em todos os momentos da História, não como uma categoria anistórica, mas como uma potencialidade engendrada pela realidade atual. A 'práxis', enquanto fusão da teoria e da prática, do trabalho manual e do trabalho intelectual, não pode ser entendido como um à priori, mas sim como uma construção e, principalmente, como uma possibilidade colocado pelos elementos comunistas que brotam no seio do capitalismo. Volta-se aqui a ideia do marxismo como uma concepção de mundo, mas distinta das outras, produto das possibilidades que vão se desenvolvendo dentro do capitalismo de superação deste, é a primeira concepção científica de mundo, por isso coerente entre sua teoria e prática. O materialismo dialético só surge quando pode surgir, devido às condições históricas.

5 – À guisa de conclusão: o lugar do método e o lugar do materialismo dialético

A luta em defesa do marxismo passa, inexoravelmente, pelo entendimento da Revolução Científica (Materialismo Histórico) e Revolução Filosófica (Materialismo Dialético) que o mesmo traz. Passa inexoravelmente, em particular, pela segunda, pois é o materialismo dialético que permite traçar os elementos fundamentais da concepção marxista de mundo, dessa concepção científica que vai ao âmago dos rasgos fundamentais do funcionamento dessa totalidade complexa que é o universo. É o materialismo dialético que unifica o marxismo, é em torno a sua densa massa que gravitam todas as ciências (ou devem gravitar se querem manter-se dentro do aspecto científico). A quebra de sua unidade interna, do materialismo e da dialética, não é a mera separação de objetos independentes, mas a fissão nuclear da ciência, liberando uma energia, tal qual uma explosão nuclear, arrasando a possibilidade de conhecimento científica e de atuação acertada sobre a realidade. Pois, se alguém quer, e o proletariado precisa, transformar a sociedade atual, libertar os elementos que em germe vão despontando um pouco cá, um pouco lá, de uma sociedade superior, que só existe em potência, precisa ter um entendimento científico da realidade. Esse entendimento, numa sociedade de classes, só pode ser um entendimento de partido, é por isso que Lênin pode afirmar que o materialismo dialético pressupõe partidarismo. Mas, isto não nega a objetividade, mas apenas a neutralidade axiológica

Ao contrário dos objetivistas, afirmava Lenin, os materialistas remetem a uma dada formação econômico-social e às relações sociais antagônicas existentes e ao fazer isso dão ao seu objetivismo um conteúdo mais profundo e cheio de significado. Ao invés de se limitarem a afirmar a necessidade de um processo histórico definem seu conteúdo de classe e sua posição perante ele. A metodologia leniniana é, portanto, uma metodologia partidária. (BIANCHI, s.d., p.6)

Pois, é necessário para o conhecimento estar livre das amarras materiais e ideológicas que impedem o desenvolvimento do conhecimento, algo que só o proletariado pode, potencialmente, fazê-lo:

Marx e Engels não forjaram sua teoria de *fora* do movimento operário, mas *dentro* do movimento operário; não a partir de fora do proletariado e de suas posições, mas *a partir de dentro* das posições e da prática revolucionária do proletariado. Porque se haviam convertido em intelectuais *orgânicos* do proletariado – e se haviam convertido nisso por sua prática no movimento operário, sem deixar de ser intelectuais – é que puderam

conceber sua teoria. Essa teoria não foi “importada do exterior” para o movimento operário, mas foi concebida, graças a um enorme esforço teórico, *no interior* do movimento operário. A *pseudo-importação* de que fala Kaustky nada mais é que a *expansão*, no interior do movimento operário, de uma teoria produzida *dentro* do movimento operário por intelectuais orgânicos do proletariado. [Grifos no original]. (ALTHUSSER, 2000, p.82).

Por isso, esse combate partidário que vai dos embates políticos para os embates teóricos (filosóficos e científicos) leva a que se combatam as expressões burguesas, ideológicas, que estrondosamente como exércitos buscam invadir o continente marxista, às vezes, de forma subreptícia e silenciosa, tentam fazê-lo como uma guerrilha de direita. Apontou-se no texto as principais formas até hoje desse contrabando de ideologias burguesas: o 'marxismo soviético' e o 'marxismo ocidental', ou seus verdadeiros nomes, materialismo vulgar e idealismo dialético. Porém, ao longo destas páginas, foi se desenvolvendo a análise de outra forma, mais 'guerrilheira', de intromissão ideológica burguesa: o 'fetichismo do método'. Como se mostrou, este reduz o marxismo apenas a um método. De certa forma, contrariando aos seus próprios pressupostos enunciados, se aproxima do positivismo científico que esgrima como acusação, com seu dedo em riste, aos que pensam o marxismo nos marcos de Marx, Engels e Lênin. Pois, sua preocupação com o método lembra, inclusive, a preocupação de um Durkheim. É ao mesmo tempo positivista pelo enfoque metodológico e, também um idealismo, por isso utópico, pelos pressupostos anistóricos da natureza humana em que se baseia.

Este artigo não fecha questões. Quer apenas resgatar aquilo que mantém a unidade do marxismo, que é também sua grande descoberta, o cerne de sua concepção científica de mundo, o materialismo dialético. Fala-se isto aqui, mesmo sabendo que a palavra 'científica' arrepie muitos “marxistas” hoje. Um dos campos de batalha fundamental pela verdade, ou seja, pelo marxismo, é a luta por recolocar o método em seu devido lugar: um momento determinado da totalidade complexa marxista, aonde o momento determinante é o materialismo dialético. A reconstituição do marxismo passa pela superação do pensamento burguês em suas variantes: idealismo, mecanicismo e fetichismo do método. A batalha proletária em defesa da fortaleza marxista não terminará até que os exércitos reais e ideológicos burgueses estejam derrotados. Não pode ser uma batalha eterna: um dos lados terá que vencer. O importante é que cada um, conscientemente, assuma de que lado da cerca está.

Bibliografia

ALTHUSSER, L. *A Querela do Humanismo*. S.l: 2008a. Acedido em 7 de junho de 2010 em <http://www.marxists.org/portugues/althusser/1967/humanismo/index.htm>.

ALTHUSSER, L. *O Marxismo Como Teoria "Finita"*. S.l: 2008b. Acedido em 15 de junho de 2010 em <http://www.marxists.org/portugues/althusser/1978/04/04.htm#r1>.

ALTHUSSER, L. Marx e Freud. In.: *Freud e Lacan. Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

ANTUNES, J. *Marx e o último Engels: o modo de produção asiático e a origem do etapismo na teoria da história marxista*. s.d. Acedido a 25 de abril em <http://pt.scribd.com/doc/11245073/O-Modo-de-Producao-Asiatico-e-o-Etapismo-Na-Teoria-Marxista-Da-Historia> .

BARTHES, R. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BIANCHI, A. Lenin e a filosofia: notas para uma leitura metodológica. S.d. In.: <http://www.e-science.unicamp.br/>. Acedido em 10 de julho de 2011 em http://www.e-science.unicamp.br//marxismo/admin/projetos/documentos/documento_579_Lenin.pdf .

BROHM, J-M. *O que é a dialéctica?* Lisboa: Antídoto, 1979.

BRANCO, J.M. De F. *Dialéctica, ciência e natureza*. Lisboa: Caminho, 1990.

CINDRA, J.L. Friedrich Engels, a ciência, o Homem e a natureza. *Princípios*, agosto/setembro/outubro, 1995, 75-78.

ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. S.d. Acedido em 20 de abril de 2011 em <http://www.marxismo.org.br/uploads/205092007112358.doc>.

GRAMSCI, A. *Obras Escolhidas v.I*. Lisboa: Estampa, 1974.

GOULD, S.J. A transmutação da Lei de Boyle para a Revolução de Darwin. In.: A. C. Fabian. *A Evolução – a sociedade, a ciência e o universo*. Lisboa: Terramar, 2000. pp. 11-37.

LEFBVRE, H. *El Marxismo*. Buenos Aires: EUDEBA, 1961.

LÊNIN, V.I. Acerca de algunas particularidades del desarrollo historico del marxismo. In.: *Obras Completas (t.XVII, pp.321-327)*. Pekin: Ediciones em linguas extranjerias, 1980.

LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. Porto: Escorpião, 1974.

MARX, K. *Teses sobre Feuerbach*. S.d. Acedido em 20 de abril de 2011 em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm> .

MARX, K. *Introdução a Uma Contribuição para a Crítica da Economia Política*. 2007. Acedido em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/contcriteconpoli/index.htm>.

MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

PAULO NETTO, J. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PEREIRA, D. *Lenin e a dialética hegeliana*. 2004. Acedido em 15 de maio de 2011 em <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=110>.

PLEKHANOV, G. *Os princípios fundamentais do marxismo*. São Paulo: Hucitec, 1978.

PRADO JR, C. *Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista*. S.d. Acedido em 20 de maio de 2011 em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/caio.pdf>.